



O BURRINHO (DAS ESELEIN)

Era uma vez um rei e uma rainha. Eram ricos e tinham tudo o que desejavam, menos filhos. A rainha lamentava-se dia e noite. „Sou como um campo onde nada floresce.“, dizia ela.

Finalmente, Deus atendeu os seus desejos e a rainha ficou à espera de uma criança. Mas quando esta veio ao mundo não parecia um bebé humano: era um burrinho. A mãe, mal o viu, pôs-se mais que nunca a chorar e a lamentar-se, dizendo que preferia não ter nenhuma criança, a ter um jumento, e que era melhor deitá-lo à água para alimento dos peixes.

„Mas não, não“ - disse o rei. „Foi Deus que nos deu tal como ele é. Será o meu filho e herdeiro. Depois da minha morte será ele que tomará o meu lugar no trono e que irá usar a coroa real“.

Assim, o burrinho foi-se criando e crescendo, e as orelhas alongavam-se, muito finas e direitas. Ele tinha uma alegria natural, saltava, brincava e divertia-se muito; mas do que ele mais gostava era de música. Tanto que ele foi procurar um músico famoso e disse-lhe: „Ensina-me a tua arte, até que eu saiba tocar o alaúde tão bem como tu!“.

«Oh meu querido pequeno senhor», respondeu-lhe o músico, „isso vos será mais que difícil; vede os vossos dedos, não são mesmo nada feitos para isso. São demasiado grandes e eu tenho muito receio de que as cordas não resistam!“.

Nada o podia desencorajar. O burrinho queria a todo o custo aprender a música, e a saber tocar o alaúde. Estudou e trabalhou com tal aplicação que acabou por saber tocar tão perfeitamente como o seu mestre em pessoa. Depois, quando ele um dia passeava com os seus pensamentos, encontrou-se diante de uma fonte onde se viu reflectido no espelho da água. Ficou tão amargurado que decidiu partir pelo mundo fora, levando com ele apenas um companheiro fiel. Chegaram por fim a um reino dum velho rei que tinha apenas uma filha, mas duma beleza deslumbrante. O burrinho disse:

„Vamos ficar aqui“. Ele bateu ao portão e exclamou: „Aqui fora ao portão está um hóspede, abram-no para que ele possa entrar“. Mas como ninguém abrisse o portão, sentou-se, pegou no alaúde e começou a tocar da maneira mais adorável, servindo-se das patas dianteiras. O guardião, que não acreditava no que seus olhos viam, correu para o rei para lhe anunciar: „Lá fora, diante do portão está um jovem burro que sabe tocar o alaúde como um grande mestre“.

„Então deixa lá entrar esse músico“, disse o rei. Mas quando ele entrou começaram todos a rir-se do músico. Quiseram pô-lo lá em baixo, para que fosse comido pelos servos. Mas ele protestou e disse:

„Eu não sou um vulgar jumento de estábulo, sou duma extracção muito mais nobre“.

„Nesse caso“, responderam-lhe, “vais ser entregue aos guerreiros“.

„Não, o meu lugar é ao lado do rei“, declarou ele categoricamente. Isso pôs o rei de bom humor e riu-se:

„Muito bem“, disse, “pois se é esse o teu desejo, burro, faço-te a vontade. Vem cá!“. O rei recebeu-o e perguntou-lhe:

„Burrico, como achas tu a minha filha?“. O pequeno burro voltou a cabeça para ela, contemplou-a, baixou a cabeça e disse:

„Incomparável, ela ultrapassa em beleza todas as que vi antes“.

„Bem, será ao lado dela que tu terás lugar“, disse o rei.

„Assim deverá ser“, disse o burrinho e sentou-se ao seu lado, comeu e bebeu e soube comportar-se de modo fino e asseado. Quando o nobre animalzinho prolongava já muito a sua permanência na corte real, começou a pensar para consigo: “Mas em que é que isto te ajuda? É tempo de partires...”. De coração triste foi perante o rei e pediu-lhe para se ir embora: „Burrico, mas que se passa? Tu pareces ácido como uma caneca de vinagre: fica comigo, estou disposto a dar-te o que quiseres. Queres ouro?“.

„Não“, disse o burrinho e abanou a cabeça.

„Queres objectos preciosos ou jóias?“. „Não“, foi a resposta.

„Queres metade do meu reino?“. „Oh não“. Então o rei disse:

„Mas se eu soubesse o que te daria prazer... Queres a minha bela filha como esposa?“.

„Oh sim“, respondeu o burrinho, „era ela que eu muito queria...“. De repente ficou muito alegre, pois aquilo era mesmo o que ele mais desejava.

E as núpcias foram celebradas com magnificência e sumptuosidade. Naquela noite, quando os jovens esposos foram introduzidos no seu quarto, o rei - que queria saber se o burrinho se conduzia com a elegância conveniente - mandou um servidor fiel esconder-se lá dentro.

Julgando-se finalmente sozinho com a sua jovem esposa, o jovem esposo correu o ferrolho da porta, lançou ainda uma olhadela para verificar bem se estavam sozinhos e, de repente, desfez-se da sua pele de asno para aparecer com os traços dum soberbo princepezinho.

“Agora podes ver como sou“, disse, “e podes ver também que eu não era indigno de ti“.

Não cabendo em si de felicidade, a princesa beijou-o e presenteou-lhe todo o seu amor. Logo que a manhã despontou, ele saltou da cama e reintegrou-se na pele de burro, e ninguém no mundo era capaz de pensar o que havia lá dentro. O rei não tardou a aparecer e exclamou: